

a gazeta

relato | 3

jornada | 5

entrevista | 6

“O virtual nos permite muitas aproximações nas relações, mas nos ofertaria material suficiente para suprir a falta da presença real?”

Elisabeth Guarnier

perspectivas | 8

“Perspectivas propõe uma nova forma de diálogo entre seus colaboradores, no qual estes dissertam e deixam em aberto para discussão o tema das Redes Sociais na atualidade”

Clarissa Salle de Carvalho

agenda & panorama | 11

6

a gazeta

Número 6
Setembro de 2018
Distribuição Gratuita

Editora

Kenia Ballvé Behr

Equipe de Redação

Clarissa Salle de Carvalho
Claudia Fontoura Azeredo
Gabriela Seben
Juliana Guarnier
Kenia Ballvé Behr
Mariana Biazzi

Projeto Gráfico

Guilherme Mautone

Diagramação

Carlos Tiburski

Fotografia

Luciana Araújo e
Carlos Tiburski

Impressão

PrintStore (POA - RS)

Periodicidade

Trimestral

Tiragem

50 exemplares

Composição

Tipografia Chaparral Pro.
Capa em Couché com
revestimento em Prolan
Fosco. Miolo em Off-Set.

CONSTRUCTO

instituição psicanalítica

CNPJ 04.4792660001-10

Rua Quintino Bocaiúva, 1373, 01.
Bairro Rio Branco, POA, RS.

www.constructo.com.br
comunicacao@constructo.com.br
constructo@constructo.com.br

(51) 3343.3364
(51) 98119.1944

Todos os direitos reservados

editorial

por Gabriela Seben

Vivemos tempos em que expandir territórios já não se refere a algo marcado por limites claramente definidos como no período das guerras e da industrialização: atualmente, é no universo virtual que se criam novas experiências e espaços, que avançam por fronteiras sem uma delimitação precisa. É sobre estes novos mundos virtuais, surgidos a uma velocidade espantosa, e sobre seus impactos psíquicos e sociais, que a Psicanálise deve estar atenta e aberta ao diálogo. Afinal, como apartar-se do discurso tecnológico, estando ele tão enraizado em nossa cultura? Pensando nestas questões, a Gazeta de número 6 traz como tema o advento da internet e das redes sociais e o nosso modo de convívio com estes dispositivos.

Incorporada ao cotidiano de bilhões, estima-se que o brasileiro dedique em média cinco horas diárias conectado à internet, distribuídas entre os aplicativos Facebook, Instagram e Twitter. Os usuários ativos contabilizam mais de 3 bilhões de pessoas, o que representa cerca de 40% da população mundial, e estes números não param de crescer: a cada dia novos logins são cadastrados, e o perfil mais comum de usuários se caracteriza por jovens na faixa dos 24 aos 36 anos¹.

Estes dados sugerem que o desenvolvimento tecnológico vem produzindo uma série de modificações nas formas de comunicação, com impacto direto nos modos de ser e estar no mundo, na produção de subjetividades. Neste cenário, a internet ocupa um lugar central, contribuindo tanto para a inclusão e universalização da informação e das possibilidades de conhecimento, quanto para a segregação social e a prática da violência. Ou seja, se por um lado o homem desfruta das novas e facilitadas vias de comunicação e sociabilidade, por outro teme ou rechaça aquilo que lhe é desconhecido, aquilo que nem sempre pode dominar. Estes sentimentos ambíguos permitem que, protegidos pela tela do computador, muitos se autorizem aos xingamentos e dire-

cionem o seu ódio sobre o outro. Não por acaso existem grupos, bastante difundidos nos espaços virtuais, conhecidos por haters e trolls, cuja característica principal é odiar, ofender, menosprezar e julgar o que lhes parece intolerável ou diferente no outro, provocando os hoje tão comuns linchamentos virtuais.

Outro aspecto que merece destaque diz respeito às mudanças no conceito de intimidade, de espaço público e privado. É cada vez mais comum que a intimidade seja exposta nas redes sociais. Observa-se uma busca desenfreada por reconhecimento e validação que se dá através do número de likes obtidos. É preciso tornar-se visível, estar online para então poder existir? O psicanalista Christian Dunker, usuário convicto das redes sociais e autor do livro *Reinvenção da Intimidade – Políticas do sofrimento cotidiano*², afirma que as críticas às redes sociais e aos recursos virtuais que estão à nossa disposição se originam da efemeridade que denunciam. Tão fácil quanto selecionar o melhor ângulo da selfie pela qual desejamos ser reconhecidos pelo outro, é deletar ou excluir o perfil quando algo nos desaponta ou quando já não nos serve mais.

Embora nem todos façam uso das redes da mesma forma, é preciso compreender quem são estes sujeitos assujeitados pelo número de curtidas que recebem (ou não), e quem são estes que destilam ódio através da internet. O que estes perfis tem a nos dizer sobre o mal-estar na cultura? Estes sintomas contemporâneos, novas modalidades de sofrimento psíquico, à diferença dos sintomas identificados por Freud no período vitoriano, estariam relacionados a que fatores? O desenvolvimento tecnológico produz ou apenas contribui para o mal-estar? Na contramão do imediatismo dos nossos tempos, lançam-se os interrogantes, a fim de que pouco a pouco possamos decifrar estes enigmas contemporâneos com nossa ferramenta mais poderosa: a escuta.

2 Christian Dunker, *Reinvenção da Intimidade - Políticas do sofrimento cotidiano*, 2017.

1 Dados *We are Social e Hootsuite*.

relato

por Mariana Biazzi

NÚCLEO DE PASSO FUNDO

Diálogos entre Freud e a subjetividade do século XXI

Aconteceu no dia 14 de abril, em Passo Fundo, o segundo encontro do curso de psicanálise *Diálogos entre Freud e a subjetividade do século XXI*. A atividade, pautada no texto freudiano *Psicologia das massas e análise do eu*, contou com a presença de Raquel Moreno Garcia e foi coordenada por Andrea Domingues.

No dia 19 de maio foi mais um sábado de muito trabalho no Curso de Psicanálise. O evento mensal, que ocorre em Passo Fundo, nesta ocasião contou com a presença de Luciana Pavão Kroeff que brindou os presentes com riquíssima reflexão sobre questões acerca da existência e evolução humana, da civilização e da religião.

E no dia 23 de junho ocorreu o quarto encontro do Curso de Psicanálise. Na ocasião, Jocitacler Bolsoni, teceu considerações pautada no texto *O mal estar da civilização*. A mesa foi coordenada por Daniele Centenaro.



Encontro de abril



Encontro de maio



Encontro de junho

SÃO PAULO Instituto Sedes Sapientiae

No dia 20 de abril, Maria Beatriz Tuchtenhagen, Simone Accetta Groff e Raquel Moreno Garcia participaram da atividade *Clínica psicanalítica e os fracassos radicais da simbolização: desafios*. O evento que ocorreu no Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo, teve conferência de Cristophe Dejourns e o lançamento do livro *Por que Laplanche?*, dos psicanalistas Paulo de Carvalho Ribeiro, Maria Teresa de Melo Carvalho, Marta Rezende Cardoso e Luiz Carlos Tarelho.



TERÇA PSI

Encontros da Terça Psicanalítica

No dia 24 de abril ocorreu mais uma edição das Terças Psicanalíticas. O tema do encontro – *O sonho e a invenção da psicanálise* – foi abordado pelas psicanalistas Silvia Brandão Skowronsky e Simone Accetta Groff. A discussão proporcionou uma revisão de parte da obra freudiana, partindo da história da psicanálise, a origem da interpretação dos sonhos até a compreensão do sonhar como uma complexa elaboração psíquica.

No dia 05 de junho, sob o tema *Ser mãe é padecer no paraíso ou se divertir no inferno?*, aconteceu mais uma Terça Psicanalítica que contou com a participação da Cientista Política, Cibele Cheron e da Psicanalista e coordenadora do Núcleo Infantil da Constructo, Maria Beatriz Tuchtenhagen.



Terça Psi: *Ser mãe é padecer no paraíso ou se divertir no inferno?*

As falas das convidadas, seguidas por intensa participação da plateia, abriram espaço para um bate-papo que culminou na desconstrução da idealização da maternidade.

O amor nos tempos de crush foi o tema da Terça Psicanalítica que ocorreu no dia 26 de junho. A discussão da noite iniciou com as falas das psi-

canalistas convidadas, Simone Accetta Groff e Laura Longo, que trouxeram contribuições sobre constituição psíquica, narcisismo, escolha de objeto e subjetividade nos tempos atuais. A troca entre o público e a mesa produziu reflexões e gerou questionamentos sobre as novas formas de relacionar-se influenciadas pela tecnologia.

INTERNACIONAL

Transformações e realizações psíquicas

Raquel Moreno Garcia, coordenadora do Núcleo de Gênero e Sexo da Constructo, participou do segundo encontro do curso de *Actualización en Psicoanálisis y género de Posgrado*, que ocorreu nos dias 4 e 5 de maio, em Buenos Aires. Coordenado por Irene Meler, o encontro teve como tema a sexualidade feminina em Freud e re-trabalhada por Horney, Chasseguet-Smirgel, Torok e Lacan.

Já de 10 a 13 de maio, Raquel acompanhou o *78º Congresso dos Psicanalistas da Língua Francesa*, em Gênova, onde psicanalistas de diversos países estiveram presentes com a intenção de produzirem pensamento psicanalítico e realizar intercâmbios e reflexões sobre o tema *Transformações e realizações psíquicas*.



Encontro em Buenos Aires: *Actualización en Psicoanálisis y género de Posgrado*



Encontro em Gênova: *78º Congresso dos Psicanalistas da Língua Francesa*

jornada

por Simone Groff



Aconteceu, nos dias 24 e 25 de agosto, nossa Jornada Anual “O pensamento de Jean Laplanche”, na qual retrabalhamos o pensamento deste brilhante pensador, à luz das contribuições do psicanalista Christophe Dejours (Membro do IPSO de Paris - Instituto de Psicossomática e da Associação psicanalítica da França-APF), e com a participação de Luiz Carlos Tarelho (Mestre em psicologia social pela Universidade Católica de São Paulo e Doutor em estudos psicanalíticos pela Universidade de Paris VII, de Denis Diderot).

Os trabalhos iniciaram na tarde do dia 24 com o curso: “A paranoia à luz da teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche”, ministrado por Luiz Carlos Tarelho. Ele abordou, discutiu e desenvolveu com profundidade a questão da psicose, a partir dos fundamentos em Freud, enriquecidos pelos aportes teóricos de Jean Laplanche, apresentando a produção de novas teorizações e indagações para a prática da clínica psicanalítica com o paciente psicótico.

A Jornada foi aberta após o curso com a conferência de Christophe Dejours: “A terceira tópica: clivagem e negação, inconsciente amencial e inconsciente encravado”, dando início a uma rica discussão sobre os fundamentos da terceira tópica desenvolvidos pelo psicanalista e suas consequências para a clínica psicanalítica, a partir da teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche.

No sábado, seguiram-se os trabalhos com a segunda conferência de Christophe Dejours: “Terceira tópica e análise da destrutividade”, seguido da mesa redonda “Impacto da terceira tópica na clínica psicanalítica”, com a participação de Dejours, Tarelho e Kenia Behr.

Finalizamos esta Jornada com muita satisfação, enriquecidos pela contribuição destes autores contemporâneos e, também, pela proposta de uma imersão no espírito científico e crítico estimulado pelo debate das ideias, debate tanto importante para a psicanálise quanto à clínica de nosso tempo. ●



entrevista

por Juliana Guarnier



A Psicanalista, sócia-fundadora e diretora administrativa da Constructo Instituição Psicanalítica, Elisabeth Guarnier, é a nossa entrevistada desta edição.

Como podemos pensar as formas com que a crescente expansão do espaço que o uso de redes sociais e aplicativos vêm afetando o modo como nos relacionamos hoje em dia?

Acredito que estejamos todos impactados em larga medida, mesmo que não façamos uso destes recursos virtuais, mas que não é possível ainda apreender a amplitude desta influência e compreender todas suas consequências. Talvez este venha a ser um fenômeno melhor compreendido *a posteriori*, como muitas das transformações nos modos de intersubjetividade humana.

Pelas evidências a que tenho acesso na clínica e impressões pessoais, porém, penso que predomina um discurso comum, uma queixa de volatilidade muito grande nas relações, como se fossem todas muito fugazes, com pouca profundidade. Parece haver, ao mesmo tempo, uma enorme facilitação para o contato, e uma concomitante indisposição para aprofundamento dos vínculos; relações que parecem estar muito facilitadas em termos de quantidade, mas dificultadas no que se refere à qualidade.

O que você consideraria em relação a que estes recursos virtuais possam não ser somente causadores de

mudanças, mas sim produtos de modificações culturais pré-existentes?

Num contexto como este, talvez caiba considerarmos os recursos virtuais não apenas como causadores de mudança no modo como nos relacionamos, mas também sua utilização como uma resposta às demandas sociais atuais; isto porque as redes sociais também são espaços nos quais vêm sendo exercidas a busca por representatividade e por igualdade, por aceitação, e a luta por causas de minorias. Também ali aparecem busca por liberdade afetiva, sexual e de identidade.

Nesta medida, os meios não são apenas causadores de mudança, mas também um instrumento utilizado para veicular e dar voz a desejos e conflitos pertinentes à contemporaneidade.

Sabemos que um dos fenômenos atuais, no que diz respeito à intersecção entre a Psicanálise e a virtualidade, é a utilização do virtual como ambiente para tratamentos psicanalíticos. Em sua opinião, como pensar esta possibilidade?

Este é um tema delicado e sensível. Como referi anteriormente, penso que precisaremos de tempo para poder mensurar o impacto do virtual no individual e no coletivo e repensar as relações a partir daí, mesmo as relações profissionais.

Ainda assim, considero que, por hora, temos o seguinte quadro: em casos onde se apresenta uma urgência/emergência, alguma situação atípica e temporária de necessidade por parte de um paciente já em andamento com seu processo de análise, esta pode ser uma ferramenta útil, desde que preservados critérios de adequação e neutralidade na relação entre analista e paciente.

O que não considero possível, tomando o momento atual, é que um tratamento psicanalítico seja iniciado e levado adiante de forma virtual, ou seja, necessariamente não presencial.

Consideremos alguns dos pressupos-

tos básicos para que um tratamento psicanalítico seja assim chamado: livre associação, atenção flutuante e transferência. O fato é que, ainda que se pudessem manter estes elementos, em alguma medida, numa relação 'virtual', há que se levar em conta, a possibilidade de manutenção de outros. Tomando a própria questão da transferência, por exemplo, sabemos ser um fenômeno intrínseco a todas as relações humanas. Contudo, diferente disso, o que se espera que se desenvolva no espaço analítico, como condição de cura, é a neurose de transferência, fenômeno muito mais específico e particular que, a meu ver, não teria como terminar de se estruturar e de se resolver dentro de um espaço meramente virtual.

Me ocorre também lembrar das contribuições de Jean Laplanche para a psicanálise, sobretudo em sua proposta da instauração da *cabana analítica* e, daí, da *sedução originária* no espaço de cura... Como a organização deste fenômenos se encontraria afetada pela distância física no *setting analítico*? Pela *não-presença*? O virtual nos permite muitas aproximações nas relações, mas nos ofertaria material suficiente para suprir a falta da presença real?

Enfim, é preciso pensar se o espaço virtual não representa uma barreira intransponível para a psicanálise como método, entendendo que, mesmo separados da teoria psicanalítica aqueles núcleos que seriam verdades histórico-culturais, e que hoje não se sustentariam mais, o seu exercício, na condição virtual, longe de ser uma adaptação aos novos tempos, representaria um ataque a seus princípios básicos que, sem dúvida, seguem sendo sustentados.

Portanto, entendo que, ainda que uma abordagem desta ordem possa servir como ferramenta de intervenção ao sofrimento humano, não seria capaz de ter o mesmo alcance que a psicanálise presencialmente exercida. Podemos chamá-la de terapia de apoio, de psicoterapia breve... mas seria incorreto considerá-la psicanálise.

Por que Laplanche?



Autores: Paulo de Carvalho Ribeiro, Maria Teresa de Melo Carvalho, Marta Resende Cardoso e Luiz Carlos Tarelho
Editora: Zagodoni
 1ª edição, 2017



Luiz Carlos Tarelho no lançamento do livro *Por que Laplanche?*, na sede da Constructo

Por que Laplanche? é um dos sete volumes da Coleção Grandes Psicanalistas, da Zagodoni Editora, que tem como objetivo apresentar e situar no nosso tempo e contexto cultural as obras de importantes nomes da psicanálise. O requisito da escolha dos autores eleitos é que estes tenham articulado ao longo de suas obras quatro pilares fundamentais: uma metapsicologia, uma concepção psicopatológica que lhe é correspondente, uma teoria da clínica, e uma reflexão crítica acerca do fazer psicanalítico.

Com um legado repleto de contribuições desenvolvidas a partir de uma (re)leitura que o permitiu retrabalhar e ampliar as ideias e conceitos freudianos, Jean Laplanche tem os seus principais desenvolvimentos psi-

canalíticos expostos neste livro através do olhar de estudiosos de sua obra. Com contribuições que partem da prioridade do outro e do realismo do inconsciente, passam pelo conceito e visão laplancheana da pulsão e seu caráter sexual, repensam o trauma e a noção de tradução na psicanálise e terminam no debate sobre o enigma do Sexual e a inclusão da problemática de gênero na teoria da sedução generalizada, Paulo de Carvalho Ribeiro, Maria Teresa de Melo Carvalho, Marta Resende Cardoso (todos eles orientados por Laplanche em seus respectivos doutorados) e Luiz Carlos Tarelho (participou de seminários ministrados por Laplanche) formulam, na união de seus artigos, a resposta à instigante pergunta/título.

Psicoanálisis y género:

escritos sobre el amor, el trabajo, la sexualidade y la violencia

Autor: Irene Meler (organizadora)
Editora: Paidós - 1ª edição, 2017

Organizado por Irene Meler, psicanalista, cofundadora e coordenadora do Foro de Psicoanálisis y Género de La Asociación de Psicólogos de Buenos Aires, este livro reúne artigos escritos por autores de distintas formações, mas que estão em profunda sintonia com a perspectiva psicanalítica de gênero. O livro, assim como o Foro, não assume uma uniformidade de pensamento, o que proporciona ao leitor uma visão interdisciplinar dos estudos de gênero, retratados em trabalhos distintos que se unificam em torno da convicção do caráter sócio-histórico das subjetividades.

Resultado da soma das perspectivas dos autores que desempenham tarefas assistenciais, de docência e de investigação em diversos âmbitos da sociedade argentina, os escritos reunidos atentam ao perigo de generalizar observações clínicas que constroem critérios de saúde mental que servem para enquadrar e patologizar estilos de funcionamentos psíquicos que diferem do modelo hegemônico. Tendo como propósito a exposição e ampliação dos diferentes campos de desenvolvimento teórico que tentam dar conta da evolução do campo de pensamento referente às questões de gênero e sexo, Meler propõe aos seus autores que cada um escolha um trabalho para comentar. Assim, além da riqueza das ideias propostas, surge a oportunidade de um “diálogo escrito” que amplia as possibilidades de troca de conhecimentos e aprendizagem. ●

perspectivas



Nesta sexta edição da Gazeta a seção Perspectivas propõe uma nova forma de diálogo entre seus colaboradores, no qual estes dissertam e deixam em aberto para discussão o tema das Redes Sociais na atualidade. A questão das redes, hoje tão inerente a nossa sociedade, vem causando uma certa polarização entre aqueles aficionados pelo seu uso e aqueles que o criticam. Nesse sentido, propusemos que nossos convidados abordem essa temática posicionando-se a partir de diferentes viéses, seja aqueles que amam ou odeiam o uso das redes sociais.

Para compor esse debate foram convidados: Ana Paula Behr com a colaboração de Gabriela Amorim e Marina Amorim. As duas primeiras com 15 anos, estudantes do Colégio Anchieta. A terceira, Marina, possui 18 anos. Também convidado Francisco Biazi, 23 anos, técnico em Gastronomia pelo SENAC-RS; e Renata Bombarda, 20 anos, estudante de Agronomia da Universidade Federal da Fronteira Sul (campus Erechim).

As redes sociais em nossa vida

por **Ana Paula Behr**
e colaboradoras **Gabriela Amorim**
e **Marina Amorim**

Hoje em dia, cada vez mais as redes sociais estão presentes na vida das pessoas, sobretudo de nós jovens. Fazemos parte de uma geração que não conheceu o mundo sem os meios sociais e dificilmente consegue imaginar como seria se eles não existissem.

Nós mesmas pudemos evidenciar a evolução dessas redes ao longo dos anos, a começar pelo *MSN*, que foi um dos nossos primeiros meios de comunicação virtual, até o mais recente, atualizado e tão utilizado *WhatsApp*, que predomina nas redes sociais atualmente. Além de servirem como meio de comunicação, até com pessoas que encontram-se a quilômetros de distância, são uma forma de expressar e compartilhar nossas opiniões e características, assim como um tipo de lazer onde podemos ver vídeos e fotos engraçadas e divertidas a qualquer momento.

Um dos grandes motivos pelo qual somos tão apegadas a essas redes é porque compartilhando fotos, mensagens e ligações conseguimos nos sentir mais próximas dos amigos que estamos longe. Com elas, as distâncias de quilômetros se reduzem aos segundos que levamos para escrever uma mensagem. Mesmo em outra cidade ou estado, podemos estar a todo momento conectados, ouvindo as vozes e vendo os rostos uns dos outros, contando as novidades ou simplesmente matando um pouco a saudade.

Além disso, com a louca rotina que até mesmo nós jovens enfrentamos



hoje, os meios sociais acabam sendo um local que encontramos para fugir um pouco dessa vida corrida e poderemos nos entreter com músicas, clipes, fotos e muitas outras coisas que nos interessam e trazem felicidade. Elas são um modo que encontramos de estar mais perto do que e de quem gostamos, de ver as novidades sobre nossas celebridades favoritas, os novos lançamentos de filmes e músicas dos artistas que tanto admiramos, nos inspirarmos em visuais e penteados do momento e estarmos por dentro dos assuntos importantes que se passam no mundo, pois as notícias chegam e se espalham muito mais rápido pelo meio virtual e não estamos muito habituados a lermos os jornais e revistas.

Outro uso fundamental das redes para nós é para a realização de trabalhos escolares, que podem ser feitos pelos grupos nos aplicativos ou por vídeos chamadas, bem como para tirarmos às dúvidas sobre determinada matéria, compartilharmos as páginas do tema ou mandarmos o link do livro que lermos no trimestre. Elas ainda são capazes de facilitar a aproximação entre pessoas que não tem muito tempo de encontrarem-se pessoalmente ou até acabam virando amigas por conta delas.

por Clarissa Salle de Carvalho

Não podemos discordar do fato de que às vezes acabamos nos passando um pouco no tempo que ficamos nas redes sociais, enquanto poderíamos estar cara a cara conversando e vivendo o momento real. Também não podemos discordar que às vezes passar tanto tempo “conectadas” pode nos afastar das pessoas que estão

bem ao nosso lado e até causar certas confusões e brigas desnecessárias. Porém, podemos garantir que, sem elas, não seríamos tão próximas de nem metade de todos os amigos que nos comunicamos virtualmente, não teríamos acesso com tanta rapidez às milhares de notícias que chegam por meio delas, não teríamos outras for-

mas tão eficazes de encontrar praticamente tudo o que procuramos e acabaríamos por perder contato com muitas pessoas que não temos tempo ou disponibilidade de ver com tanta frequência. Então, muito obrigada às redes sociais, a tudo que elas nos proporcionam e todos de que elas nos aproximam.

Os voyeurs de uma sociedade cibernética



por Francisco Biazi

Qualquer tipo de informação pode estar a nosso alcance hoje em dia. Basta um clique e, instantaneamente, podemos compartilhar por completo nossa vida com as outras pessoas. Seja em forma de texto, foto, vídeo ou áudio, não existem mais barreiras a serem quebradas nesse quesito, pois a internet por si só já avançou todas elas. Podemos, inclusive, nos comunicar com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, compartilhando de ideias e culturas diferentes. Podemos também nos comunicar com pessoas que nunca vimos ou ouvimos falar na vida. Mas até que ponto não nos tornamos reféns deste mundo virtual?

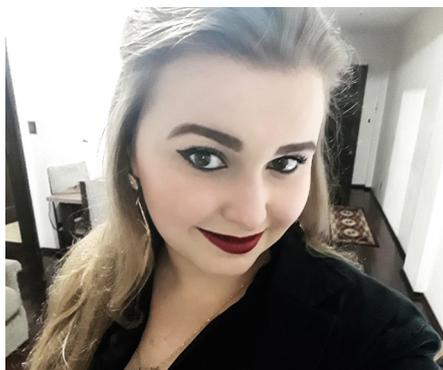
O termo personalidade vem do latim *persona* que primitivamente sig-

nifica máscara, aparência, aquilo que parecemos ser aos outros. Segundo Gordon Allport, a palavra personalidade pode ser definida como a organização dinâmica dos sistemas psicofisiológicos que estabelece a maneira única pela qual o indivíduo se ajusta ao seu ambiente. E tal ambiente parece, atualmente, ficar muito mais confortável quando inserido em uma tela de computador ou celular, através da qual podemos vestir nossas máscaras em resposta aos padrões sociais. É por isso que somos voyeurs de perfis cada vez menos condizentes com a realidade, já que a insatisfação com a aparência e detalhes do corpo podem facilmente ser travestidos por filtros e efeitos para vender um retrato idealizado. Através de diversos artifícios que o mundo digital oferece, entre curtidas e comentários, é feita uma “seleção natural”, que, ao invés de segregar seres por espécies, classifica-os por nível de popularidade, conduzindo o indivíduo a viver mentiras, numa incessante busca para se satisfazer tanto em relação à beleza quanto ao status social. Dentro desse contexto cibernético, a imagem se tornou o principal meio de promoção, além de estar em constante mudança, seguindo padrões

de moda e de tendências ditados pelos famosos digital influencers, como são chamados hoje em dia. Como se não bastasse, não apenas o estereótipo passa a ser algo dissimulado, mas também a nossa essência, a qual parece se perder no meio das telas, tornando-se fragmentada e futilizada, pois em cada rede social tentamos mostrar um pouco não do que somos, mas do que queremos ser.

Lamentavelmente, estamos cada vez mais conectados e dependentes do uso das redes sociais para nossa rotina. Dependência essa que nos toma tanto tempo útil que deixamos, muitas vezes, nossa realidade em um paralelo; está em escassez o contato visual, verbal e físico entre as pessoas. A tecnologia nos oferece a impressão de uma escuta permanente e de proteção contra a solidão e o desamparo, com três falsas certezas: a de que podemos colocar nossa atenção no que quisermos, a de que seremos sempre ouvidos e a de que nunca ficaremos sós. Contudo, afirma o filósofo Soseki Natsume: a solidão é o preço que temos de pagar por termos nascido neste período moderno, tão cheio de liberdade, de independência e do nosso próprio egoísmo.

O início da era das redes sociais



por Renata Bombarda

A internet já era uma ferramenta em potencial bastante utilizada antes de surgirem as redes sociais. E-mails, sites de jogos e programas de mensagens instantâneas como *ICQ* e *MSN* costumavam entreter o tempo livre, além de auxiliar em um cenário secundário na comunicação através de recursos como o *Skype*. Para deixar tudo ainda melhor, apareceram as redes sociais. O famoso *Orkut* chegaria no Brasil e se estabeleceria como uma das redes preferidas dos brasileiros, sendo desbancado alguns anos depois pelo *facebook*. Mas qual a importância disso em nosso dia a dia? O início da era das redes sociais e o boom da utilização destas, para compartilhamento de

fotos, mensagens e informações ocorreu na mesma época em que eu estrava na adolescência. Inicialmente, eu as tinha como um divertimento, um passatempo, era tendência na época ter um perfil descolado, e um mural no *Orkut* cheio de scraps, recados animados ou ainda os famosos depoimentos, além é claro, de passar horas trocando mensagens com os amigos e colegas de escola através do *MSN*. O tempo passou e surgiu o *facebook*, mais adiante o *Instagram* e o aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*. Com os pais divorciados, comecei a trabalhar fora cedo e me mudei de casa aos 16 anos, e foi aí, estando relativamente longe da família, que as redes sociais surgiram como uma nova possibilidade de estar sempre em contato com a família, fossem os pais, tios, primos e parentes mais distantes, elas passaram a proporcionar a ideia e a impressão de proximidade e por vezes até de convívio, já que possibilitavam ter contato com família e amigos a um toque no teclado.

Hoje, já no meio acadêmico, noto que as redes sociais têm atuado como verdadeiros amplificadores das vozes, satisfeitas ou insatisfeitas seja com

padrões, comportamentos e produtos, ao passo em que proporciona também um espaço para debates e formação de opiniões sobre temas diversos. Os últimos anos têm levantado polêmicas quanto a isso. O advento das redes sociais é responsável pela transição na cultura de pensamento das novas gerações bem como a quebra de antigos paradigmas e a construção de novos comportamentos e conceitos ditos politicamente corretos. Contraposto a isso têm-se também a parcela conservadora, tradicional. É essa mescla de opiniões que compõe e define a linha de comportamento e pensamento dessa geração e também estabelece a conduta das gerações futuras. Toda essa tecnologia proporciona também mercados diversos, divulgação e marketing. Meu contato com as redes sociais hoje, ainda possui um certo intuito de comunicação com familiares e amigos, porém abrange alguns adicionais de interesse acadêmico, como o compartilhamento de conteúdos didáticos e artigos com colegas e professores, além é claro, da informação, notícias e atualidades, que vêm sendo cada vez mais discutidas, compartilhadas e opinadas pelos usuários online. ●



agenda

por Simone Groff

> Terça Psicanalítica

Inscrições pelo site: www.constructo.com.br

25/09 às 20 horas - "Afinal: porque a Psicanálise?"

Convidados:

Daniel Ohlweiler Ritzel - Presidente da Sociedade de Psicologia

Kenia Ballvé Behr - Presidente da Constructo. **Atividade gratuita!**

> Grupo de Estudos

Inscrições pelo site: www.constructo.com.br

"Psicopatologia psicanalítica e os casos clínicos de Freud"

(destinado a estudantes e profissionais de Psicologia)

Quando: Encontros quinzenais aos sábados, das 10 às 12 horas**Primeiro módulo:** Neurose (agosto à outubro)**Segundo módulo:** Psicose e Perversão (abril, maio e junho de 2019)

"Introdução ao pensamento de Jean Laplanche"

Coordenação: Kenia Ballvé Behr**Quando:** terças-feiras, das 13h às 14h30

"Estudos avançados de Jean Laplanche"

Coordenação: Kenia Ballvé Behr**Quando:** quartas-feiras, das 9h30 às 11 horas

> Atividades dos Núcleos

Inscrições pelo site: www.constructo.com.br

Núcleo de Psicanálise de Criança

Coordenação: Maria Beatriz Tuchtenhagen**Quando:** encontros quinzenais na segunda e quarta quarta-feira do mês, das 12h15 às 13h45

Núcleo da Puberdade e Adolescência: estudo, clínica e produção científica

Coordenação: Raquel Moreno Garcia**Quando:** encontros no segundo sábado do mês, das 14h30 às 17h30

Atividade promovida pelos Núcleos: Sexo/Gênero e Psicanálise de Criança

"Infâncias trans e destinos da diferença sexual: apelo por certa a-normatização"

Convidado: Facundo Blestcher (Psicanalista, especialista em psicanálise de gênero, membro titular da ASAPPPIA de Buenos Aires)**Quando:** dia 29/09, das 14h30 às 16h45

> NÚCLEO DE PASSO FUNDO

Inscrições pelo site: www.constructo.com.br

Grupo de estudos para estudantes de Psicologia

Quando: Encontros nas quintas semanalmente

Curso de Psicanálise: "Diálogos entre Freud e a Subjetividade do século XXI"

Coordenação: Jocitacler Bolssoni**Quando:** encontros mensais nos terceiros sábados de cada mês, das 13h15 às 15h15

Atividade da Universidade de Passo Fundo

O curso de psicologia da UPF está completando 40 anos e, em comemoração, vem promovendo atividades mensais trazendo convidados de outras instituições.

Em outubro, a convidada é a Constructo de Porto Alegre com os Núcleos de Gênero e Sexo e Psicanálise de Criança para a atividade: "Dissidências sexuais e Psicanálise"

Quando: dia 09 de outubro, das 14 às 17h30

panorama

por Mariana Biazzi

> Eventos Regionais

Dissidências sexuais e Psicanálise**Participação:** Núcleo Gênero/Sexo e Núcleo de Psicanálise da Criança da Constructo. Atividade parte da comemoração dos 40 anos do Curso de Psicologia da Universidade de Passo Fundo (UPF)**Quando:** Dia 9 de outubro, das 14 horas às 17h30**Onde:** Passo Fundo, RS**Site:** www.upf.br/IFCH/curso/psicologia**I Simpósio de Vulnerabilidade****Social e Psicanálise da SPPA****Quando:** 18 e 19 de outubro de 2018**Onde:** Porto Alegre, RS**Informações:** www.sppa.org.br

> Eventos internacionais

35° Encuentro Interregional de Niñez y Adolescencia (FEPAL)*La agresividad en niños y adolescentes: aspectos constructivos y destructivos***Quando:** 25 e 26 de agosto de 2018**Onde:** Bogotá, Colômbia**Informações:** www.socolpsi.org**IV Encuentro Interregional de Psicoanálisis de Adultos (FEPAL)***Vitalidad Psíquica en la**Adultez: destino o desafío***Quando:** 7 e 8 de setembro de 2018**Onde:** Cidade do México, México**Informações:**asociacionpsicoanaliticamexicana.org**32° Congreso Latinoamericano de Psicoanálisis (FEPAL)***De-construcciones y Transformaciones***Quando:** 26 a 29 de setembro de 2018**Onde:** Lima, Perú**Informações:** www.fepal.org**XL Simposio Anual da Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires***Lo femenino: horizontes y espejismos***Quando:** 25 a 27 de outubro de 2018**Onde:** Buenos Aires, Argentina**Informações:** <http://www.apdeba.org>

A Gazeta é uma publicação trimestral da **Constructo - Instituição Psicanalítica** cujo objetivo principal é ampliar o acesso à informação de qualidade para seus associados e alunos. **A Gazeta** é um veículo comunicativo híbrido, que mescla discussões teóricas a informações mais pontuais. Entre em contato conosco através do e-mail **comunicacao@constructo.com.br** para submeter algum tipo de contribuição para o nosso próximo número.

